

tos de construção da cidadania feminina em contextos nacionais e frisam como a categoria gênero permite reescrever a historiografia tradicional, possibilitando inclusive um entendimento mais complexo e rigoroso das sociedades latino-americanas ao informar igualmente sobre racismo, escravidão, autoritarismo e colonialismo. Como a maioria dos autores, apontam a presença do gênero como instrumento de pesquisa e análise, o que sugere grandes possibilidades na renovação dos objetos científicos de conhecimento da realidade latino-americana.

Já Maria Luiza Heilborn volta-se para a compreensão do valor extremado que se atribui ao masculino na cultura do continente, a partir do binômio honra-vergonha, instituindo o tão prolapado machismo latino. Luisa Campusano apresenta a marquesa Jústiz de Santa Ana, a primeira mulher cubana escritora, através da obra autobiográfica de Juan Francisco Manzano, um poeta escravo, restabelecendo nexos entre os excluídos da sociedade colonial. Josefina Ludmer fala de narrativas de exclusão tomando como referência sobretudo textos literários argentinos contemporâneos, que parecem traduzir construções sexistas e racistas ao trabalharem a diferença. Ligia Montañez discute os pressupostos da racionalidade ocidental e como ela interferiu e modelou a identidade do colonizado, ocultando a mestiçagem e os outros componentes étnicos da latinidade. Relatar a criação dos Taller de Lecturas de Mujeres no Chile e como as escritoras chilenas puderam pensar a sua escrita feminina a partir de uma negatividade dupla - como mulheres e como mestiças - e o que faz Soledad Farina.

Carlos Hasenbald fornece dados estatísticos sobre as desigualdades raciais no Brasil de hoje e elenca alternativas no enfrentamento e superação do racismo. O aporte do multiculturalismo enquanto novo paradigma para pensar as questões étnicas na América e sua contribuição para a criação de esteras públicas alternativas nos Estados Unidos é o assunto do longo artigo de autoria de Juan Flores e George Yúdice, que dá fecho à coletânea, ressaltando seu valor singular para quem trabalha na fronteira da interdisciplinaridade e de novas epistemes.

LENA LAVINAS ■

Estatísticas sobre as mulheres

Mulheres Latino-Americanas em Dados

Chile/Espanha: Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales - FLACSO/Instituto de la Mujer, Ministerio de Asuntos Sociales, 1993

A carência de dados estatísticos abrangentes, atualizados e fiáveis sobre a realidade brasileira tem sido responsável por grande parte das dificuldades de se vislumbrarem alternativas sociais e econômicas que possam orientar e sedimentar políticas públicas para o país. Tais dados, além de deficientes e pouco organizados, quase nunca desagregam informações tanto quanto possível por sexo. A iniciativa da FLACSO no nível latino-americano vem, portanto, atender a uma demanda premente no campo das informações censitárias e estatísticas, reunindo distintas fontes para mapear melhor a interpretação das macro-tendências sobre o lugar das mulheres em cada economia nacional do continente. Logo, reunindo condições para se pensar como se reproduzem as desigualdades entre os sexos. São 14 publicações de excelente qualidade gráfica e editorial que revelam, em números, o que vem acontecendo com a população feminina na América Latina. O Brasil teve sua edição lançada recentemente, sob a coordenação da CEPILA. A amplitude dos dados permite um panorama relativamente atualizado da situação sócio-econômica do país, pois não se resume apenas a dados relativos à participação das mulheres. Mais do que isso, o esforço - e daí seu grande mérito - consistiu em reunir informações macro-econômicas, que permitam entender dinâmicas específicas de evolução como a da atividade feminina. Alguns problemas metodológicos, no entanto, impedem cruzamentos que poderiam favorecer um tratamento mais sofisticado dos dados por parte de especialistas e estudiosos(as) da questão. É o caso, por exemplo, das fontes empregadas para a sistematização

da situação sócio-econômica de cada país, que são internacionais (CEPAL, BID, Banco Mundial), quando os dados referentes à posição da mulher na população (cortes etários, situação conjugal, lugar na família etc) ou na atividade econômica (participação no emprego e na ocupação, diferenciais de salários, etc) e participação política são, na sua grande maioria, oriundos do sistema IBGE. Além de indispensável à consulta de quem procura informações estatísticas sistematizadas sobre mulheres, *Mulheres Latinoamericanas em Dados* abre a possibilidade de se repensarem os sistemas estatísticos no nível continental para que uma nova metodologia de coleta de dados garanta a comparabilidade dos processos e a definição de políticas, talvez supra-nacionais, com vistas à correção das desigualdades entre os sexos. Uma necessidade que já se coloca como tarefa de grande valia diante da multiplicação dos blocos regionais de cooperação comercial e econômica, como o MERCOSUL e outros de menor envergadura no próprio continente.

Proposiciones

Número Especial

Proposiciones - genero, mujer y sociedad
Santiago: Ediciones Sur, dezembro de 1992

Por ocasião do lançamento do seu número 21, a revista de Ciências Sociais chilena *Proposiciones* organizou uma bela coletânea de textos sobre mulher e gênero, reunindo quase 30 artigos de autoras não apenas chilenas, mas ainda de outros países do continente. Recheada de gravuras e desenhos, a revista trata de vários assuntos, como a violência e as relações público-privado, a questão da adolescência, a prostituição, o feminismo no movimento operário, gênero e mestiçagem no Chile, trabalho e cidadania, entre outros. Como lembram as organizadoras do número, Andréa Rodó e Ximena Valdés, a palavra de ordem "democracia no país e em casa" uniu forças para romper com o marco de uma sociedade autoritária que ainda enfrenta a dicotomia entre tradicionalismo e modernidade, notadamente no campo da cultura. É aí que a contemporaneidade da reflexão de gênero pode trazer aportes renovados que "ampliem o conceito de democracia formal e democracia

tolerante, diversa e equitativa". Além da resenha de alguns livros e de uma listagem de publicações recém-editadas e disponíveis no Centro de Estudos para o Desenvolvimento da Mulher, CEDEC-CEDEM, de Santiago, *Proposiciones* 21 retrata, em 280 páginas, o atual debate acadêmico feminista no Chile.

A nova revista do Pagu

Cadernos Pagu - de trajetórias
e sentimentos

Publicação Semestral do Centro de
Estudos de Gênero - PAGU,
Campinas: IFCH/UNICAMP, 1993

Com um título *De Trajetórias e Sentimentos*, o Centro de Estudos de Gênero PAGU, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, lançou o primeiro número de sua nova publicação semestral, os *Cadernos Pagu*. Como registra Adriana Piscitelli na apresentação, trata-se de uma "publicação intimamente ligada aos interesses e atividades de um grupo: um coletivo acadêmico interdisciplinar que pretende, através do trabalho conjunto, aprofundar-se no conhecimento em torno das categorias de gênero". Neste número de lançamento, Mariza Corrêa escreve sobre a aparente impermeabilidade do movimento modernista às mulheres; Suely Kofes debate as categorias gênero e mulher a partir das obras de Margaret Mead e Simone de Beauvoir; Margaret Rago fala das representações da prostituição na *belle époque* paulistana; Leila Algranti analisa as razões e formas utilizadas pela Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro ao conceder dotes a meninas desvalidas e órfãs, no século XIX; Ana Maria Goldani quebra o mito da desestruturação familiar no Brasil contemporâneo, ao proceder a uma exaustiva releitura da produção acadêmica mais recente sobre o tema, sugerindo novas interpretações; Carla Bassanezi trabalha o ideal de felicidade conjugal presente nas revistas femininas entre 1945 e 1964, enquanto, finalmente, Adriana Piscitelli volta a uma reflexão sobre tradições orais e histórias de vida e seus usos na pesquisa feminista. Para solicitar esse número e os próximos, entrar em contato com o Centro de Estudos de Gênero PAGU (IFCH-UNICAMP, Cidade Universitária "Zeferino Vaz", Caixa Postal 6.110 - 13 081-970 - Campinas, São Paulo).

Mulher e artes plásticas

Artistas plásticas no Rio de Janeiro, 1975-1985

Série Quase Catálogo. Rio de Janeiro: CIEC/ECO/UFRJ, 1993

O Quase Catálogo número 02, *Artistas Plásticas no Rio de Janeiro 1975-1985*, uma publicação do Centro Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos - CIEC, da UFRJ, ensaia uma questão pouco discutida no meio acadêmico: a relação das artes plásticas com uma visão feminista da crítica cultural. Organizado por Heloísa Buarque de Hollanda e coordenado por Cristina Cavalcanti, o catálogo, em forma de verbetes apresenta as artistas que mais se destacaram entre os anos de 1975 e 1985. Embora a publicação merecesse uma reflexão mais sistemática sobre a marcante participação feminina nas artes plásticas cariocas no final dos anos setenta e ao longo dos anos oitenta, seu caráter documental presta grandes serviços ao estudo das relações de gênero. O Quase Catálogo, o segundo da série, é dividido basicamente em quatro partes: apresentação teórica, artistas catalogadas, ilustrações e depoimentos de várias artistas, dentre elas, Iole de Freitas e Lygia Clark. Vale a pena ressaltar que a capa, a reprodução de uma tela da artista Wanda Pimentel, bem como a produção gráfica foram elaboradas com muito esmero, embora a qualidade da impressão deixe a desejar, ainda mais se tratando de um catálogo de arte. O Quase Catálogo 2/ *Artistas Plásticas no Rio de Janeiro 1975-1985* pode ser adquirido no CIEC, no seguinte endereço: CIEC/ECO/UFRJ, AV. Pasteur, 250 fcos, Urca, Rio de Janeiro, CEP: 22.290-240.

Nova edição de *Enfoque Feminista*

Enfoque Feminista

Ano II, número 04, publicação semestral
São Paulo (vários editores), abril de 1993

Em abril deste ano o boletim *Enfoque Feminista* passou a circular em formato de revista semestral. Sua última edição, a de número 04, traz em destaque o artigo *Tendências das Políticas de População nos Anos 90*, de Fátima Viahna Mello, pesquisadora do IBASE. Há dois anos publicando artigos, matérias e notas sobre o movimento e conquista das mulheres no Brasil, *Enfoque Feminista* inaugura seu primeiro número como revista com abordagens de ponta para o movimento e reflexão feministas. É o caso do artigo *Aborto, um Direito*, de Carmem Simone Grilo Diniz, sobre a legalização e a descriminalização do aborto. Entretanto, são os artigos de comportamento como *Maridos de Feministas* de Rita de Cássia Freire Rosa e *Ser Feminista aos 70 Anos*, um perfil da militante Zuleika Alambert, que transformam o antigo boletim em uma verdadeira revista para aqueles que beberam na fonte dos movimentos de 60 e que na prática mudaram o cotidiano de muitas mulheres. Informações sobre assinaturas à Rua Bartolomeu Zunega, 44, Pinheiros, São Paulo, SP, CEP: 05426-020.